

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVOARIPUANÃ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

SHAYENNE MARLLA ALHO DE SANTANA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA HISTÓRICA: MEMÓRIAS
FUTEBOLÍSTICAS EM NOVO ARIPUANÃ NOS ANOS 1970.**

Novo Aripuanã
2024




SHAYENNE MARLLA ALHO

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA HISTÓRICA
Memórias futebolísticas em Novo Aripuanã nos anos de 1970

Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 30 de novembro de 2024.

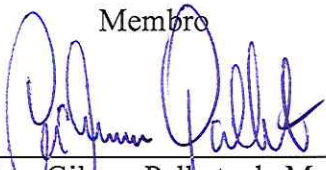
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. André Luiz Passos Araújo
Professor Orientador



Prof. Me. Sebastião Janderson Torres da Silva
Membro



Prof. Esp. Gilmar Palheta de Menezes
Membro

**RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA HISTÓRICA: MEMÓRIAS
FUTEBOLÍSTICAS EM NOVO ARIPUANÃ NOS ANOS 1970.**

Shayenne Marlla Alho de Santana¹

André Luiz Passos Araujo²

RESUMO: Este relato de experiência em pesquisa histórica busca evidenciar e analisar as memórias do futebol em Novo Aripuanã nos anos 1970, ressaltando seu impacto na identidade cultural e social de uma parte da comunidade. Utilizando a História Oral como método, foram realizadas entrevistas com ex-jogadores, técnicos, torcedores e outros membros da comunidade. Os dados foram documentados através de transcrições e textualizações para preservar suas narrativas e torná-las fontes prontas para análise. Os resultados apontam que o futebol, além de ser uma prática esportiva, gerou profundas transformações sociais, fortalecendo laços entre as pessoas e gerando um sentimento de união e identidade local. Assim, conclui-se que as lembranças do futebol em Novo Aripuanã vão além da diversão, elas são parte essencial da memória e da cultura local, mostrando como o esporte tem o poder de unir a comunidade e fortalecer os laços sociais e culturais.

Palavras-chave: Futebol. Memória. Identidade. Cultural. Novo Aripuanã.

1. Introdução

Este trabalho constitui-se como um relato de experiência em pesquisa acadêmica e tem por finalidade expor o processo de produção do trabalho de pesquisa em História como um elemento importante na formação do historiador e do professor de História. Nesse sentido as etapas apresentadas refletem a prática da pesquisa, localizando um objeto, que é o futebol em Novo Aripuanã, descrevendo-o – a partir de métodos, técnicas e conceitos da historiografia – como um fenômeno passível de análise. O formato de relato em pesquisa histórica sobre o município, conforme preconiza o modelo de TCC, é uma oportunidade para pôr em prática e demonstrar os conhecimentos obtidos durante o curso.

O futebol, desde suas origens no século XIX, se estabeleceu como uma atividade que vai além do mero ato de jogar. Em diversas nações, tornou-se um ícone nacional e uma forma de expressão cultural que reflete as identidades locais e regionais. As torcidas organizadas, as rivalidades entre os clubes e as festividades nos dias de jogo ilustram como o futebol se entrelaça com o cotidiano das pessoas, promovendo um sentimento de pertencimento. Além

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História, Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. *E-mail:* Shayennealho@gmail.com

² Professor Assistente do Curso de Licenciatura em História do Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. *E-mail:* luizpassos_am@yahoo.com.br

disso, eventos como a Copa do Mundo e competições continentais reúnem países inteiros em torno da paixão pelo esporte, unindo culturas distintas em um espetáculo rico em diversidade e emoção. (Damatta, 2006).

Nesse contexto, na década de 1970, o futebol se tornou ainda mais popular com a transmissão de jogos pela rádio e pela televisão. A vitória da seleção brasileira na Copa do mundo de 1970 contribuiu para esse crescimento, fazendo com que mais pessoas se interessassem pelo esporte. Essa popularização também se refletiu em cidades do interior tendo um espalhamento do futebol. Segundo Damatta (2006, p. 11) muitos indivíduos tiveram seu primeiro contato direto com o futebol através dos sons transmitidos pela rádio, sendo essa mídia um veículo importante para popularizar o esporte em comunidades mais afastadas dos grandes centros.

Nesse cenário de disseminação do futebol, Novo Aripuanã viveu fortemente esse fenômeno nos anos 1970, promovendo não apenas a competição, mas também a união e o desenvolvimento de sociabilidades na comunidade, partilhando emoções e construindo vínculos que contribuíram para a formação de uma identidade coletiva.

Este relato de experiência tem como proposta, com resultado dos trabalhos de pesquisa acadêmica em História, evidenciar e analisar as memórias dos indivíduos que atuaram no futebol nos anos 1970, com o intuito de compreender os elementos que contribuíram para a construção de uma parte da identidade cultural e social da comunidade nesse período.

Assim, o trabalho se justifica pelo fato de, além de retratar os processos de pesquisa, resgatar as memórias do futebol local considerando o fato de que o esporte tenha desempenhado um papel significativo na construção de uma parte identitária de Novo Aripuanã. Para tanto, em vista da falta de documentação escrita, foi utilizado o método da História Oral, recorrendo-se a entrevistas com 05 cinco depoentes, que narraram suas vivências e tornaram possível a análise do contexto pretendido.

2. Metodologia

Para o presente estudo, foi adotado o uso da abordagem qualitativa que é um método de pesquisa que se preocupa em entender e interpretar a realidade social e as experiências individuais dos participantes. Neste cenário, os pesquisadores se aproximam dos sujeitos da pesquisa com o objetivo de obter informações detalhadas e aprofundadas sobre o tema em análise. A partir da visão de Minayo (2010) reitera-se que a pesquisa qualitativa, busca entender aspectos difíceis de medir, como sentimentos, crenças e valores. Esses fatores fazem

parte da vida em sociedade, pois as pessoas não só agem, mas também pensam sobre suas ações e as interpretam a partir das experiências que vivem com os outros.

Como método, foi utilizado a História Oral, que segundo Meihy (2015) é uma ferramenta atual utilizada para criar registros, documentos, arquivos e estudos sobre as vivências e experiências sociais de indivíduos e grupos. Esse mecanismo privilegia a voz e a narrativa dos entrevistados, captando suas vivências e valores.

A coleta de dados incluiu entrevistas com indivíduos que tiveram papel relevante no futebol local, como jogadores, técnicos, torcedores e outros membros da comunidade. As entrevistas foram documentadas cuidadosamente por meio de transcrição e textualização, processos que envolvem a transformação da fala em texto escrito sem perder a originalidade das vozes. Este processo, segundo Meihy (2015), demanda uma atenção cuidadosa à identidade de cada depoente, respeitando suas formas de expressão e peculiaridades linguísticas para que a autenticidade de suas histórias seja mantida proporcionando uma visão detalhada das interações sociais, das práticas culturais e das dinâmicas futebolísticas daquela época.

Nesse sentido o processo de gravação das narrativas não prescinde do recurso mnêmico oferecido pelos depoentes, pois a memória é um processo fundamental para a construção da identidade individual e coletiva. Ela permite que os indivíduos e grupos sociais se reconheçam no tempo, e no espaço, reelaborando e ressignificando suas experiências. O futebol, como prática social e cultural assume um papel importante na construção da memória e identidade. Para Michael Pollak (1992) na maioria das memórias existem marcos e ela, independentemente de ser individual ou coletiva, apresenta os seguintes elementos constitutivos: os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos em grupo que se atrelam a pessoas ou personagens. Em outras palavras, não é possível compreender o fenômeno do futebol isolado de uma vivência social que produz memórias e conseqüentemente, uma identidade, que, em boa parte, se desloca para outras esferas da vida social. No contexto da pesquisa que compreende este relato de experiência, as lembranças dos eventos futebolísticos dos anos 1970 em Novo Aripuanã são mais do que simples recordações, elas formam a base de uma parte da identidade cultural que persiste até os dias de hoje.

Entre os participantes temos Amilson Pavão, 77 anos, ex jogador, essencial para o resgate histórico; Vivaldo Magalhães, 71 anos, ex jogador e ex presidente do clube São Paulo, que destaca o futebol como elo social; Advaldo Diniz (Batatinha), 63 anos, figura de destaque

nas competições da época; Sávio Colares, 56 anos, que através das memórias transmitidas por seu pai, oferece uma perspectiva sobre as dinâmicas do futebol local daquela década; e Roberto Mittouzo, 65 anos, ex jogador e posteriormente técnico de futebol em Novo Aripuanã, teve grande influência na formação de uma parte significativa da identidade futebolística local, sendo influenciado por seu padrao.

3. Início e desenvolvimento do futebol em Novo Aripuanã

Como fenômeno de massa e de contexto popular, o futebol também chegou em Novo Aripuanã. O desenvolvimento desse esporte esteve intimamente ligado às festividades cívicas, com torneios que eram organizados no dia 7 de setembro onde uma parte significativa da cidade se reunia para celebrar e prestigiar. Além dos torneios existia campeonato e intermunicipal que faziam parte desse contexto. Esses eventos contribuíam para o desenvolvimento do futebol como parte da cultura da comunidade Aripuanense. Contando com a participação de diversos jogadores como Edenil Buzaglo, Jubinho, Bifó, Gilson, Chambeta, e entre outros que marcaram a história local. Além disso, vários times se destacavam, como Fluminense, Flamengo, São Paulo, Cruzeiro, Palmeiras, Grêmio, Internacional e Atlético Novo Aripuanã Clube.

Na concepção de Barros (2014) as atividades esportivas nessas comunidades vão além da prática desportiva em si, funcionando como momentos especiais de encontro social entre as comunidades vizinhas. Durante esses eventos são discutidos diversos aspectos do cotidiano, transformando o esporte em uma forma de expressão sociocultural e de celebração coletiva.

Além disso, a maioria dos depoentes relataram que o contato com o futebol ocorreu durante a adolescência, com alguns iniciando aos 13 e outros por volta dos 16 anos, e com isso a prática esportiva passou a fazer parte do cotidiano dos jovens. Essas competições, além de momentos de diversão, também serviam como ocasiões para reforçar laços sociais. A exemplo do Sr. Advaldo Diniz, conhecido como Batatinha

Quando eu comecei a me envolver com o futebol, eu tinha 13 anos [...] os torneios de independência eram muito bonitos, a cidade toda ia assistir.
(Entrevista com o Sr. Advaldo Diniz, Batatinha)

O envolvimento paterno, que incluía desde a organização das reuniões do clube realizadas na própria casa até a busca de jogadores em locais remotos, influenciou na visão sobre o esporte. Esse ambiente familiar fez com que o futebol se tornasse uma parte

inseparável da sua rotina e de suas recordações de juventude. Após as reuniões era comum que os jogadores fossem às suas residências, arrumarem-se e, em seguida, sair todos juntos em direção ao campo de futebol em um momento repleto de camaradagem e energia.

[...] o clube Flamengo começou a se reunir na nossa casa. Os jogadores trocavam de roupa lá, e meu pai ia buscar os atletas dentro do rio Aripuanã. Meu pai se envolveu bastante com isso. A gente também tinha a Tia Bernadete, que era uma grande torcedora e organizava a torcida. Então, saíamos de casa, que era como a sede do Flamengo, e íamos juntos até o campo de futebol. (Entrevista com o Sr. Sávio Colares).

Esse envolvimento familiar com o futebol reforça como as memórias coletivas é importante na formação da identidade social de uma comunidade. Outro aspecto que não pode ser ignorado no desenvolvimento do futebol em Novo Aripuanã é a forma como o envolvimento dos jovens evoluiu para papéis de liderança e responsabilidade na comunidade. Vivaldo relata que seu contato com o futebol começou aos 16 anos, quando já participava de peladas no campo próximo à sua casa, que mais tarde foi atravessada pela rua 16 de Fevereiro. Seu Roberto também menciona seu interesse pelo futebol aos 14 anos, influenciado por seu padrasto Francisco de Oliveira Santana, onde os torneios frequentemente eram organizados pela prefeitura municipal de Novo Aripuanã, participando através de torneios do dia 7 de setembro.

comecei a jogar bola acho que com 16 anos e joguei bola em um clube. Antes de chegar nesse clube, eu jogava pelada no campo que tinha perto de casa, ali em cima. Um campo hoje, a 16 de fevereiro, atravessou o campo e perdemos o campo que tinha lá. Depois criaram o campo para cá e aí eu já vim jogar bola mesmo aqui nesse campo que hoje é o estádio. E eu participei como jogador em um clube que é o São Paulo. Eu joguei três anos nesse clube e depois eu passei mais três anos como presidente desse clube. E nesse período nós fomos campeão seis anos consecutivos pelo São Paulo na cidade. [...] Comecei tarde e terminei cedo. (Entrevista com o Sr. Vivaldo)

Foi aos quatorze anos e eu me envolvi com o futebol através do meu padrasto finado Santana. Começamos participando em torneios de 7 de setembro. (Entrevista com o Sr. Roberto)

Esses relatos, além de evidenciarem o envolvimento familiar e institucional no futebol, mostram como a prática esportiva foi um papel comunitário e social. Os clubes, torneios e a organização familiar criaram uma rede de suporte para o desenvolvimento pessoal de cada indivíduo envolvido, reforçando o papel do futebol como um catalisador de memórias e de identidade local.

4. Futebol e sociedade

A relação entre o futebol e a sociedade de Novo Aripuanã na década de 1970 foi marcada por um intenso envolvimento de uma parte da comunidade com o esporte. As lembranças de figuras emblemáticas como Batatinha revelam a profundidade dessa conexão, onde todos participavam e era muito bonito, longe de ser uma prática restrita a classes específicas, era uma atividade que envolvia a comunidade como um todo, independente de condição social.

Todo mundo participava, porque era bonito. (Entrevista com o Sr. Batatinha)

A motivação para os torcedores comparecerem aos jogos era a qualidade do futebol praticado na época, sendo considerado superior ao atual. A intensidade com que os jogadores atuavam, criava um ambiente de disputa acirrada e atraente. Além disso, foi mencionado que o campo de futebol era o principal ponto de encontro da comunidade, um espaço de diversão onde as famílias inteiras – pais, mães e filhos – se reuniam.

Tinha um futebol muito bom, muito superior, acho que até o futebol que tem hoje, e era muito bom o futebol, bem disputado e as pessoas jogavam com muita raça, e o único local de diversão assim, que muita gente se encontrava era o campo de futebol, todas as famílias inteiras, por exemplo, iam pai, mãe e filhos, todos para o campo de futebol, essa era a grande motivação do encontro, as pessoas tinham esse momento assim, de partilhar aquele encontro, a cidade era pequena, era esse momento. (Entrevista com o Sr. Sávio)

Também sendo evidenciado a centralidade do esporte no cotidiano local e seu papel agregador, tanto para os moradores da zona urbana quanto rural. Sintetizando a relevância na vida da comunidade, destacando como ele não apenas proporcionava entretenimento, mas também unia pessoas de diferentes origens e histórias em torno de um só objetivo: torcer para seus times e viver emoções que o esporte proporcionava.

O futebol aqui no Aripuanã é em primeiro lugar. Nessa época o futebol era a maior diversão e atraía a população do interior e da cidade. (Entrevista com o Sr. Roberto)

Através dessas vozes, se percebe que o futebol de campo em Novo Aripuanã não era apenas um esporte, mas um fenômeno social, capaz de mobilizar emoções e estimular laços.

5. Torcida, rivalidade e sociedade

No ambiente competitivo e fervoroso de Novo Aripuanã, o futebol se transformou em mais do que um mero esporte. A paixão dos torcedores e a intensa rivalidade entre os times criavam uma atmosfera carregada de emoções, onde as simpatias e superstições buscavam influenciar não apenas o desempenho dos times, mas também a vida de jogadores. O desfile esportivo do dia 5 de setembro, eram momentos de celebração e identidade local. A participação de times como São Paulo, Flamengo e Palmeiras, com suas bandeiras e representantes, cada equipe se apresentava uniformizado, com chuteiras, meiões, calções e camisas, simbolizando não apenas a rivalidade esportiva, mas também o orgulho de pertencer a uma comunidade. Um dos elementos mais emblemáticos do desfile era a presença de representantes de cada clube, conhecidas como “rainhas”, que lideravam as delegações segurando as bandeiras de cada time, com a exibição da bandeira nacional simbolizando o orgulho esportivo.

No dia 5 de setembro, havia o desfile esportivo em Novo Aripuanã, organizado pelo teu avô. Todos os times participavam: São Paulo, Flamengo, Olaria, Grêmio, Internacional e Palmeiras. Cada time se apresentava equipado com chuteira, meia, calção e camisa. Cada clube levava uma representante, uma rainha, que caminhava na frente com uma bandeira. Levava-se a bandeira nacional e a bandeira do clube. Era muito bonito e gerava muita alegria. (Entrevista com o Sr. Amilson)

A rivalidade era tão intensa que muitos recorriam a artifícios sobrenaturais, acreditando que poderiam alterar o destino dos confrontos em campo. A rivalidade, sobretudo entre os times Flamengo, São Paulo e Palmeiras, era muito acirrada. A fala do seu Batatinha revela como as superstições penetravam na cultura futebolística local, onde atos simbólicos como enterrar o nome de um jogador eram considerados formas de influenciar o resultado de um jogo e esses rituais era uma maneira de tentar garantir a vitória do seu time. Segundo Batatinha, essa tensão parecia ir além da realidade

Ave Maria, quando era Palmeira, São Paulo e Flamengo. Meu Deus... Jesus, era rivalidade. Colocava até os nomes dos jogadores e enterrava no cemitério. (Entrevista com o Sr. Batatinha)

A torcida tinha um papel importante, não só no apoio emocional, mas também na criação de um ambiente repleto de significados, onde se envolvia com suas equipes cobrando balões e fazendo bandeiras. A magia popular que envolviam as simpatias em cemitério, reforçava o sentimento dos torcedores, alimentando a expectativa de que forças além do campo poderiam impactar uma partida de um jogo.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

[...] os torcedores eles compravam balão, faziam bandeiras. E um pouco depois, as pessoas faziam macumba, iam no cemitério, amarravam pé do jogador, isso tudo mexia com a população [...] era bem motivador. (Entrevista com o Sr. Sávio Colares)

Além das superstições, a rivalidade saudável entre as torcidas foi um fator que mobilizou alguns torcedores em Novo Aripuanã. Seu Amilson lembra das partidas, e da maior rivalidade que tinha entre dois times, onde a torcida vibrava e participava tornando o futebol especial naquele período. No entanto, a rivalidade se resumia a uma competição verbal, sem brigas.

Embora apresentasse um certo perigo, principalmente quando se tratava de São Paulo e Flamengo, as discussões e os gritos de incentivo não passavam de expressões de alegria caracterizando uma rivalidade passional. O que predominava era a alegria de estar à beira do campo, vibrando enquanto assistiam aos seus jogadores. Apesar da intensidade da rivalidade, não havia espaço para violência entre os torcedores. De acordo com Vivaldo, O ambiente nas partidas era de grande harmonia, não se observava uma rivalidade exagerada, e nunca presenciou brigas ou confusões à beira do campo, prevalecendo o respeito entre os participantes.

Tinha uma rivalidade entre Flamengo e São Paulo, era a maior rivalidade que tinha. Nós não brigávamos [...] a torcida vibrava. Era aquela discussão medonha. E era assim, bem divertido, porque o pessoal vinha para o campo assistir jogo, só era para brincar. Pra se divertir, não tinha briga, não tinha nada não. Era gritaria, era o prazer de tá vibrando na beira do campo, para ver seus jogadores jogarem. (Entrevista com Sr. Amilson)

A rivalidade era boa, mas era sem briga, só mesmo aquela rivalidade bocal. A rivalidade entre os clubes e as torcidas era um pouco perigosa, principalmente quando se tratava de São Paulo e Flamengo. (Entrevista com o Sr. Roberto Mittouzo)

Mesmo sem um estádio oficial, o entusiasmo por essa modalidade transformava os campos improvisados em locais cheios de emoção. Apesar da ausência de grandes estruturas, o futebol reunia a comunidade e se tornava um ponto de encontro para todos.

Naquela época não tinha, por exemplo, estádio. Era só o campo mesmo e as pessoas ficavam na margem do campo. E cada clube tinha seus torcedores, iam lá para a beira do campo torcer pelo seu time [...] as torcidas iam para lá gritar [...] (Entrevista com o Sr. Vivaldo)

Esses campos rudimentares representavam muito mais do que um simples local para a prática do futebol e remonta a um tempo em que os campos ainda não tinham a estrutura

moderna de um estádio, esses lugares, emergiam como centros de encontros e identidade para a comunidade e suas memórias estão ligadas ao desenvolvimento do futebol local. Esses espaços apesar de suas simplicidades, representavam mais do que apenas um local para a prática do futebol e um deles ficava localizado na escola Canamary Gualberto, onde era conhecido como Estádio Goiano, onde era utilizado exclusivamente para as peladas, proporcionando aos jovens e adultos da comunidade que se reunissem e praticassem o esporte. Além do Estádio Goiano, havia outros campos onde se jogava o futebol, como aqueles situados nas proximidades da CEAM e do Banco Bradesco. Esses locais carregam consigo não apenas a história do esporte, mas também as lembranças dos encontros e da vivência coletiva de Novo Aripuanã emergindo como autênticos lugares de memória.

Campos, campos mesmo. Estádio ainda não existia. [...] fica aqui no Canamary, o campo. (Entrevista com o Sr. Batatinha)
Somente um, que era o estádio Goiano. (Entrevista com o Sr. Roberto)
Havia um local onde agora é o colégio Canamary, e o nome era o estádio Goiano. (Entrevista com o Sr. Amilson)

6. Torneios e eventos locais

Sem muitas opções de entretenimento, como internet e televisão, esses eventos tornavam-se o principal atrativo da época, reunindo uma parte da comunidade.

Não se identifica uma ampla variedade de torneios ao longo do ano, mas o evento esportivo mais lembrado pelos depoentes é sem dúvidas o torneio de 07 de setembro, pois representava o ápice da prática futebolística. Além dos torneios locais de 7 de setembro, existiam também os campeonatos incluindo competições intermunicipais. O clube vencedor do campeonato representava Novo Aripuanã no intermunicipal em outros municípios vizinhos, como Manicoré, Borba e Humaitá.

Os torneios eram muito animados, era uma outra realidade, não tinha opção em Novo Aripuanã, então os torneios, por exemplo, 7 de setembro, parava a cidade, onde depois do desfile se fazia um torneio [...] era uma disputa, antigamente era Davi Gatenha, Geraldo Colares e Manoel Andrade. Era aquele jogo assim bem movimentado [...], mas era muito festivo, muito animado, como não existia ainda internet, não existia televisão com acesso para todos, aí todo mundo ia pro campo de futebol, era uma alegria. (Entrevista com o Sr. Sávio Colares)

Conforme seu Vivaldo, existia um campo que mais tarde foi atravessada pela rua 16 de Fevereiro. Com a abertura dessa rua resultou na perda do campo de pelada que anteriormente ocupava essa área, onde se realizava o maior torneio de futebol da cidade, que

acontecia no dia 7 de setembro. Esse evento conhecido como torneio da Independência, contava com a participação de clubes locais, do interior, além de equipes de cidades vizinhas, como Borba e Manicoré, que se deslocavam para participar, sendo considerado o maior torneio da cidade.

[...] eu jogava pelada no campo que tinha perto de casa, ali em cima. Um campo hoje onde a 16 de fevereiro, atravessou o campo e perdemos o campo que tinha lá [...] eu lembro que lá no campo, lá em cima, não sei nem se tinha nome, eu não lembro. Mas era um campo e eu lembro que o maior torneio que nós tínhamos na cidade era no dia 7 de setembro. 7 de setembro era um torneio muito grande, inclusive, além dos clubes da cidade, do interior, vinham clubes de Borba, de Manicoré, para disputar esse torneio da independência aqui. Esse para mim era o maior torneio nessa época. (Entrevista com o Sr. Vivaldo Magalhães)

Os torneios eram organizados pela prefeitura municipal, por meio de uma equipe designada para essa função. Os eventos esportivos eram promovidos pela Liga Esportiva de Novo Aripuanã, onde com esses torneios movimentavam a cidade, tornando-se um importante acontecimento social e contando com a participação de oito times: São Paulo, Flamengo, Palmeiras, Olaria, Internacional e Grêmio.

Os torneios eram organizados pela prefeitura municipal. Era bastante a população, eles iam assistir o torneio e era organizado através de uma equipe da prefeitura municipal. Os torneios eram promovidos pela LENA (liga esportiva de Novo Aripuanã). E esse evento movimentava a cidade. (Entrevista com o Sr. Roberto Mittouzo)

Os torneios de futebol eram organizados da seguinte forma. Em 1970, já tínhamos o campeonato aqui no Aripuanã. O campeonato contava com oito times participantes: São Paulo, Flamengo, Palmeiras, Olaria, Internacional e Grêmio. Os jogos aconteciam todos os sábados e domingos, com um jogo entre cada um dos times. Por exemplo, no sábado jogavam São Paulo e Palmeiras, e no domingo era a vez de Flamengo e Internacional. Esse campeonato foi realizado na época do prefeito Nilton Buzaglo. (Entrevista com o Sr. Amilson Pavão)

7. Impacto social e cultural

Após as partidas, a confraternização era uma parte inerente da rotina esportiva, a interação entre jogadores, torcedores e comunidade era marcada por momentos de convivência regados a bebida e comida. As comemorações em bares da cidade também existiam, funcionando como um espaço de encontro e socialização. Essas reuniões não se restringiam apenas ao consumo de bebidas, mas envolviam um forte senso de coletividade, onde a partilha de momentos e vivências reforçava os laços de amizade e fraternidade.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

A confraternização começava com uma bebida e um jantar para todos. As pessoas começavam a tomar uma, enquanto quem não bebia optava por refrigerante. Os torcedores tomavam refrigerante, e por isso achavam bonito fazer isso. (Entrevista com o Sr. Batatinha).

Sempre, eu acredito que, eu não tenho acompanhado agora, mas sempre que terminava um jogo, as pessoas e eu nos reuníamos em um bar, comemorar, tomando alguma coisa, era assim. (Entrevista com o Sr. Vivaldo)

Essas visões acrescentando como as confraternizações eram fundamentais para a socialização em um período em que a cidade era pequena e as opções de entretenimento eram limitadas pela ausência de televisão e internet. Essas reuniões aconteciam de maneira casual, muitas vezes nas casas de moradores, como um ponto de encontro para os times locais e era comum que os indivíduos participassem para comprar refrigerantes e até bebidas alcoólicas, garantindo o ambiente festivo.

Sim, eles se reuniam na casa [...] quando não existia a sede do Flamengo, eles se reuniam lá em casa, O pessoal comprava uma bebida para beber também. O São Paulo, depois que era o Ajax, se transformou em São Paulo, também da mesma forma. Eram times bons. Um dos meios principais de atração naquela época era o futebol. Não tinha televisão, o pessoal não ficava na televisão, na internet, não tinha. A cidade era pequena. (Entrevista com o Sr. Sávio)

O futebol, de fato, teve grande impacto na comunidade. Inclusive, após a década de 1970, houve um episódio curioso envolvendo uma jovem que declarou que, se um determinado jogador entrasse em seu time, ela se casaria com ele. O jogador aceitou o convite, e eles acabaram se casando, demonstrando como o futebol também influenciava as relações sociais e pessoais da época.

O futebol contribuiu muito, eu acredito. Inclusive... depois um pouco da década de 70, tu acreditas que teve uma... eu não vou dizer o nome, mas teve uma menina, ela disse que se um jogador viesse pro time dela, ela casava com ele. E ele veio e casou com ela. (Entrevista com o Sr. Sávio Colares)

As relações entre jogadores e torcedores iam além do campo, influenciando de forma importante a vida social. O impacto social e cultural do futebol em Novo Aripuanã revela o quanto foi um poderoso agente de união e alegria na comunidade. Segundo seu Amilson a maior importância foi a união e alegria que trouxeram. Os eventos como as festas em honra a Nossa Senhora da Conceição e o desfile esportivo do dia 5 de setembro, eram momentos de celebração e identidade local. Contudo, essa tradição foi se perdendo ao longo do tempo, levando a uma desconexão com o significado das festividades atuais. Essa mudança aponta

para uma transformação cultural e social significativa em Novo Aripuanã, onde a alegria e a união promovidas pelo futebol de outrora, agora enfrenta o risco de se tornarem memórias de um passado que já foi vibrante.

A maior importância foi a união que trouxeram. Essa união trouxe divertimento, alegria e satisfação para a sociedade. Às vezes, havia angústia, mas havia também prazer. Acima de tudo, trouxe muita alegria, satisfação e união. Brincávamos apenas com o jogo em campo, mas fora dele, todos ficavam unidos e faziam festa. Durante as festas da Nossa Senhora da Conceição, todos se juntavam. No dia 5 de setembro, havia o desfile esportivo em Novo Aripuanã [...] essa tradição de Novo Aripuanã acabou com o tempo. (Entrevista com o Sr. Amilson Pavão)

8. Reminiscências do futebol e seus heróis

As memórias do futebol em Novo Aripuanã nos anos 1970, também revelam histórias de jogadores, técnicos e heróis locais que deixaram uma marca profunda na história esportiva do município. Essas figuras, cujas trajetórias estão interligadas à comunidade, não só ajudaram no desenvolvimento do esporte, mas também criaram um legado de pertencimento e identidade cultural. Ao revisitar essas lembranças, podemos resgatar não apenas os feitos individuais dos protagonistas, mas também os valores que o futebol simbolizava para a cidade. As reminiscências dos jogadores e seus heróis trazem à tona histórias de superação, amizade e respeito, que vão além do esporte e se perpetuaram nas gerações seguintes.

Uma dessas figuras é Francisco de Oliveira Santana, também conhecido como seu “Santana”, que desempenhou um papel importante no desenvolvimento do futebol local. Para muitos seu Santana foi mais do que um simples técnico, ele era uma referência de disciplina, dedicação e respeito sendo um verdadeiro notável das memórias futebolísticas em Novo Aripuanã. Muitos dos jogadores que iniciaram sua trajetória no futebol de Novo Aripuanã em 1970, lembram com carinho da figura de seu Santana, um técnico que era mais que um treinador, onde trazia jogadores de Manaus para integrar a equipe local. Ainda que o depoente não fosse inicialmente escalado como titular, ele já se sentia parte da equipe, expressando a importância daquele momento em sua trajetória.

Ah, era um técnico ótimo. Francisco de Oliveira Santana foi meu técnico, logo que eu comecei a jogar. Ele trazia jogadores de Manaus para jogar com a gente. Eu não jogava diretamente como titular, eu ficava na reserva, mas já fazia parte do time. (Entrevista com o Sr. Batatinha)

Marcado pela rigidez, ponto forte que muitos atribuem à qualidade responsável por formar atletas dedicados, Francisco Santana foi um desportista de grande relevância para o

futebol Aripuanense. Sua dedicação ao esporte era notável, o que levou a compartilhar seu conhecimento com outros e a incentivar a prática do futebol na comunidade. Sob sua orientação, não era suficiente ser apenas um jogador; era necessário ser um atleta disciplinado. Aqueles que seguiam essa disciplina se tornavam verdadeiros atletas, capazes de defender com orgulho as cores de seu município. Conhecido por seu rigor, foi treinador do São Paulo e da seleção do município de Novo Aripuanã.

Francisco de Oliveira Santana moldou um pouco o comportamento dos atletas. Com ele, não havia apenas jogadores; era necessário ser atleta, disciplinado. Se o jogador era disciplinado, tornava-se um verdadeiro atleta, capaz de defender suas cores e seu município. Ele era muito rigoroso, foi treinador do São Paulo e da seleção, muito rigoroso. Quem jogava com ele o elogia até hoje. (Entrevista com Sávio Colares)

Ele era muito dedicado ao futebol, porque ele conhecia e nos levou também a conhecer o futebol e era um cidadão muito futebolístico. Francisco de Oliveira Santana “Santana” foi um desportista que incentivou muito o futebol em Novo Aripuanã. (Entrevista com o Sr. Roberto Mitouzo)

Além disso, Vivaldo também lembra de seu Santana não apenas no esporte, mas como figura pública, conhecido também como Chico Santana, onde foi uma pessoa muito respeitado na cidade devido à sua formação e pelo modo como se envolvia com o futebol. Como técnico do Novo Aripuanã Clube, ele conquistou a confiança e respeito dos atletas, sendo uma liderança no esporte local. Chico Santana se dedicou ao futebol durante toda sua vida, até mesmo enquanto trabalhava como secretário do município. O nome do estádio Francosan, em sua homenagem, é uma lembrança importante de sua contribuição para o esporte e para a comunidade.

Francisco de Oliveira Santana, conhecido como Chico Santana, teve um papel importante na minha formação. Ele era uma pessoa respeitada na cidade, muito bem formada e envolvida com o esporte. Ele era uma pessoa que tinha todos os esportistas na sua mão, porque ele tinha o domínio dessas pessoas e todo mundo o respeitava. Ele foi técnico do Novo Aripuanã Clube. Então ele tem uma relação muito forte com o futebol durante a vida dele toda, até morrer [...] ele era secretário do município e ainda era técnico de futebol. E por isso o nome do estádio, é uma lembrança muito boa, porque ele realmente tinha uma relação forte com o esporte. (Entrevista com o Sr. Vivaldo)

Outro depoente corrobora essa visão, enfatizando a seriedade de seu Santana com o futebol, em especial, sua figura rígida relacionada à disciplina e ordem, mencionada com destaque. Para ele não importava se você era o melhor jogador, se soubesse que alguém estava

bebendo ou fazendo algo de errado, não hesitava em deixá-lo de fora do jogo. Um exemplo dado claro disso foi do goleiro Depau, que frequentemente ficava na reserva por conta dessa rigidez. Essa relação de respeito e disciplina era fundamental para o time, embora seu nome esteja eternizado no estádio Francosan como forma de reconhecimento, seu Amilson relata que faltou mais coisas para homenageá-lo, evidenciando o impacto duradouro de Santana na comunidade esportiva de Novo Aripuanã.

[...] era uma relação especial com seu Santana, ele se dedicava ao futebol e era um cara muito rígido em relação à ordem. Você podia ser o melhor jogador dele, mas se ele soubesse que você estava bebendo ou fazendo algo de errado, ele não hesitava. No dia da escalação, não importa quem você era, se não tivesse seguindo as regras, não jogaria [...] o Depau ele era um dos melhores goleiros de Aripuanã na época do Santana e ficou na reserva varias vezes por causa disso. A relação dele com os jogadores era muito importante. Até agora não apareceu ninguém como o Santana no futebol da cidade. Ele tinha prazer em fazer futebol e foi muito reconhecido, seu nome está ali no Francosan, mas faltou mais coisas para homenageá-lo. (Entrevista com seu Amilson)

9. Conclusão

Esse relato de experiência traz à tona a relevância do futebol em Novo Aripuanã nos anos 1970, demonstrando o quanto ele é importante para a construção da identidade cultural e social de uma parte da comunidade local. Os relatos dos depoentes mostram que o futebol foi mais que um jogo, pois se tornou um fenômeno social que criou laços de amizade, união, fortalecendo laços entre as pessoas e gerando um sentimento de união. Usando a metodologia da História Oral, conseguir trazer à tona histórias que mostram como o futebol foi um grande ponto de encontro e experiências coletivas, reforçando a identidade local e resgatando lembranças que ainda impactam as práticas e relações sociais até hoje. A pesquisa mostrou que além de ser uma fonte de diversão, o futebol em Novo Aripuanã era um espaço de socialização, celebração e troca de valores. Sendo assim, o esporte não só ofereceu lazer, mas também ajudou a construir uma rede de apoio social e cultural.

Esse estudo ressalta a importância de registrar e preservar essas memórias coletivas, não apenas para homenagear pessoas, mas também para valorizar a cultura popular de Novo Aripuanã, que merece ser reconhecida e incentivada. As memórias sobre o futebol aqui relatadas refletem a vivência social da comunidade, que merece continuar sendo estudadas. Essas memórias reforçam a importância desse fenômeno rico e cheio de significados, que nos faz refletir sobre o papel do futebol e do esporte na sociedade atual.

10. Referências

ENTREVISTA concedida por DINIZ, Advaldo de Oliveira. Entrevista [19 de agosto de 2024]. Entrevistadora: Shayenne Marlla Alho Santana.

ENTREVISTA concedida por PAVÃO, Amilson Mota. Entrevista [04 de outubro de 2024]. Entrevistadora: Shayenne Marlla Alho Santana.

ENTREVISTA concedida por COLARES, Domingos Sávio Saldanha. Entrevista [16 de agosto de 2024]. Entrevistadora: Shayenne Marlla Alho Santana.

ENTREVISTA concedida por MAGALHÃES Manoel Vivaldo Alves de. Entrevista [02 de outubro de 2024]. Entrevistadora: Shayenne Marlla Alho Santana.

ENTREVISTA MITTOUZO, Roberto Alves. Entrevista [30 de setembro de 2024]. Entrevistadora: Shayenne Marlla Alho Santana.

BARROS, Rooney Augusto Vasconcelos. **O futebol como espaço de manifestação sociocultural vivenciada em comunidades rurais no Baixo Amazonas**. 2014.

DA MATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rocco, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História oral e poder**. Mnemosine, v. 6, n. 2, 2010.